



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

RELAÇÕES DE PODER NO CURTA-METRAGEM “O FIM DO HOMEM CORDIAL”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL

Nilton Milanez
(UESB)

Daniel Teixeira Brito
(UESB)

RESUMO

Este trabalho é fruto do amadurecimento de nossas reflexões advindas do Projeto de Pesquisa *Materialidades do Corpo e do Horror* e do Projeto de Extensão *Análise do Discurso: Discurso fílmico, corpo e horror*. Assim, o presente trabalho se propõe a discutir, com base na Análise do Discurso à maneira que ela é entendida no Brasil, a constituição das relações de poder reveladas pela materialidade audiovisual no curta-metragem baiano *O fim do homem cordial*. A partir disso, será mostrada a ressignificação que permeia todo o filme, desde a relevância do corpo para a construção do enredo, até elementos da obra cinematográfica – como as legendas, a fala e as falhas no áudio e na imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de poder. Audiovisual. Corpo.

Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade e Programa de Pós-Graduação em Linguística. Coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo/UESB, no qual desenvolve o Projeto de Pesquisa *Materialidades do corpo e do horror* e o Projeto de Extensão *Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror*. Endereço eletrônico: nilton.milanez@gmail.com

Graduando do curso de Direito na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Integrante do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo – Labedisco/UESB. Bolsista de Iniciação Científica do Projeto de Extensão *Análise do discurso: discurso fílmico, corpo e horror*. Endereço eletrônico: danielteixeirabrito@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

INTRODUÇÃO

A produção e a análise de curtas-metragens têm crescido no cenário nacional e internacional desde os anos 2000. Os filmes de curtíssima-metragem são, contudo, um fenômeno mais recente e pouco estudado, que está ligado especialmente à facilitação de acesso a meios de gravação, edição e publicação de vídeos. *O fim do homem cordial*, corpus deste trabalho, é uma produção baiana com duração de dois minutos e quarenta e oito segundos, que será estudado com base na Análise de Discurso e nas investigações arqueológicas foucaultianas. O corpo e as materialidades construtivas da imagem em movimento serão o centro da reflexão sobre a reconstrução de sentidos e a reconstituição das relações de poder que ocorrem no curtíssima-metragem *O fim do homem cordial*.

Esse filme começa com o apresentador do Bahia Meio Dia, telejornal transmitido pela Rede Bahia de Televisão, abrindo o noticiário com a notícia de que um sequestro que já dura cinco dias teve sua autoria revelada através de um vídeo enviado à produção do telejornal. O grupo, SUB v2.7 (Subversão Dois de Julho), que mantém cativo um senador, exigiu que a gravação fosse exibida naquele noticiário, diz o repórter antes de exibir o vídeo feito pelos sequestradores.

Na gravação apresentada, veem-se seis pessoas, cinco sequestradores em pé e um cativo no chão, aqueles estão encapuzados e sem camisa enquanto este traja um terno e tem suas mãos amarradas. O local em que eles se encontram é pequeno e difícil de ser identificado. Dos cinco sequestradores, dois portam revólveres na cintura e somente o do meio fala. Ele se diz insatisfeito com o sofrimento que tem presenciado e experimentado e afirma diversas vezes que essa situação acabou: “E aí burguesia? Fala aí, vá! Ahm? [...] Vocês montando no lombo do povo, e a gente se fodendo, é cara?” e que agora ele é quem está no comando.

Em seguida, faz referências ao político baiano Antônio Carlos Magalhães “Acabou essa onda de painho, de cabeça branca! Acabou, porra!”, se diz destemido



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

em relação à mídia e à polícia, e afirma que a onda de coronelismo na Bahia chegou ao fim.

A partir dessa breve sinopse da obra, é possível que se conclua, em análise mais imediata, que o homem cordial que encontrará seu fim está representado na figura do sequestrador, haja vista que, no decorrer de seu discurso, resta evidente o fato de ele estar farto de ser oprimido. Tal acepção é corroborada pelo significado mais comum do famigerado conceito de homem cordial, que é o homem brasileiro, que tem por característica principal a bondade, no qual se pode perceber, segundo Sérgio Buarque de Holanda (2008, p.146), “a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, [...]”. Até mesmo porque a cordialidade, por remeter etimologicamente a coração, geralmente é entendida como sendo um conjunto de sentimentos positivos, um sinônimo de benevolência. Aquele homem pacato seria, portanto, o homem cordial que estaria prestes a conhecer o seu fim.

Contudo, o homem cordial, que encontra seu fim no curta-metragem, está encarnado tanto no sequestrador — bandido social que dá um basta à pacatez crônica do povo brasileiro — como no Senador cativo — político carreirista que exerce sua função de modo personalista.

O protesto do sequestrador é abertamente dirigido contra as heranças deixadas pelo político Antônio Carlos Magalhães, o “painho”, o “cabeça branca”, como a personagem afirma. O uso de tais expressões é um indicador do modo cordial, nos moldes acima traçados, que aquele político atuava; o favorecimento de familiares é um exemplo dentre tantos outros aspectos que não são objetivo desse trabalho.

A problemática acerca da cordialidade emerge na obra fílmica quando percebida tanto nos sequestradores quanto no senador, o que coloca todos no mesmo lugar cultural, ainda que em posições sociais diferentes. Ressalte-se que há



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

posicionamentos sociais antagônicos que não equivalem, de forma alguma, ao monopólio do poder. “Será esse tipo de contradição, constitutivo à modalidade dos sujeitos, do frágil ao superpoderoso, do efêmero ao eterno, do feio ao belo, que formatará a posição de novas subjetividades, fazendo aparecer enunciações outras, dentro do domínio das relações humanas” (MILANEZ, 2011, p. 77). Dessa forma, o povo que habita o discurso do sequestrador paulatinamente se dá conta dos poderes que o cercam e passa a dispor deles através da vigilância, do adestramento, da punição, enfim, dos mecanismos de controle possíveis que o senador (Estado) também dispõe. Nessa relação, a violência exteriorizada pelos sequestradores é a mesma violência que a polícia utiliza no controle do povo. Há uma inversão do poder, que não implica inversão de posições sociais.

A citada permanência dos posicionamentos sociais (o povo não passa a ser governo e vice-versa) se conjuga com a alteração das relações de poder. Esta alteração dos polos de exercício dos instrumentos de poder não ocorre simplesmente porque eles (povo) mantêm um senador refém, mas sim porque uma série de condições possibilitou a irrupção daquela situação. Os marginalizados se deram conta da historicidade de suas demandas (por isso recorreram à Independência da Bahia) e dos mecanismos de subjetivação, como afirma o sequestrador: “Aliás, a Bahia... a Bahia tá órfão! Sacou?”, o que se configura como uma estratégia de resistência, ocasionando a inversão das relações de poder através de exigências que se desdobram sobre: 1) o campo político “Só porra de promessa pra lá, promessa pra cá, caralho! Acabou, sacou?”; 2) o âmbito da vida privada “Ficam tudo aí na cortiça, no bem bom. Ó! Ó! E a gente se fodendo, é?”; tudo isso por conta da voz autoridade que tem lugar em seu discurso “Quem que tá no comando da parada agora, porra? Quem é? Quem que tá no caminho certo agora, porra? Diga aí!”: eles saem da posição de monstro social e passam a normatizar a conduta dos outros, passam a construir os paradigmas de identificação dos novos monstros: a burguesia opressora e “Seus barãozinho de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

merda”. Não é, saliente-se, a existência desse conjunto de fatores que atesta a mudança nas relações de poder, mas a necessidade de adequação por parte dos políticos/”burguesia” em relação a tais fatores. Em suma, há ações que repercutirão sobre outras tantas ações, o que é próprio das relações de poder (FOUCAULT, 1995).

A análise discursiva do corpo também revela o exercício do poder. Os rostos cobertos por camisetas lançam de forma inegável aqueles sujeitos no campo da delinquência. Não mostrar o rosto é parte da construção do corpo, pois este quer ser visto, mas não identificado. Da mesma forma que o carrasco do medievo por vezes é representado com a cabeça encapuzada e o tronco desnudado para que possa exibir o vigor do seu corpo, as personagens da obra fílmica também espetacularizam o dorso. Ocorre um paralelismo do rosto anônimo dos algozes em comparação ao dos sequestradores do filme: no primeiro se esconde o rosto porque a sua identidade é irrelevante, o que importa é a sua força, a força do Rei nele materializada (FOUCAULT, 1987); no segundo se esconde porque aqueles são espécimes do povo, são cinco que prescindem de personalidade, pois falam em nome da multidão e dela não se diferenciam: são a encarnação da força do povo.

A disposição dos corpos no espaço remete a vídeos de terroristas do Oriente Médio (tônica de todo o filme) e se insere discursivamente na hierarquização criada pelo homem. A hierarquia se descortina ali não só na vertical – com os cinco sequestradores eretos e o cativo jogado ao chão – ou na horizontal – com o líder dos sequestradores no centro – mas também na cor da camisa, que por si só é verdadeiro elemento de isonomia, por esconder igualmente o rosto de todos eles, mas quando cromatizada, ressuscita o vermelho da realeza, da autoridade, o que destaca aquele homem viril ereto centralizado no imaginário do mundo ocidental. Por isso, naquela realidade, só ele tem o direito de fala: os seus subordinados estão calados e o seu inimigo apenas geme diante de seu poder.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As reivindicações verbalizadas pelo sequestrador nem tentam ser encobertas pela busca, ainda que radical, de direitos: elas já nascem com caráter subversivo. O nome do grupo, SUB v2.7 (Subversão Dois de Julho), é uma alusão à Independência da Bahia, principal “guerra de Independência” travada em 1922. Se inspirando na negativa de independência ao povo baiano daquela época, o protagonista de *O fim do homem cordial* quer subverter a ordem social que se estabelece por conta da cordialidade, quer no seio do povo, quer no seio do poder. É assim que o sequestrador intenta pôr fim ao homem cordial que oprime o povo: exterminando o homem cordial que há dentro do próprio povo.

O sequestrador aos 01:15 diz “Acabou essa onda de painho, de cabeça branca! Acabou, porra!”, essa enunciação e a legenda desse mesmo trecho “*No more “daddy” talks, no more “white heads” telling us what to do*” são materialidades da obra fílmica que sugerem o combate ao carlismo, forma pela qual se descreve costumeiramente a atuação política de Antônio Carlos Magalhães, por se inserir inegavelmente na realidade baiana. Nada obstante as claras referências a este fenômeno da política baiana, o termo carlismo não aparece na fala da personagem. É o coronelismo que é evocado em seu discurso reivindicatório (01:58: “Acabou essa onda de coronelismo aqui na Bahia.”) e pelas legendas (“*This ride of coronelism in Bahia is over*”).

Esse resgate à historicidade local se contrapõe a referências a outra cultura, a árabe, além das legendas em inglês: tudo isso fará com que aquele protesto seja universal.

A temática árabe se instala ao lado do terrorismo na memória ocidental. A intericonicidade entre o cativo que se localiza em um lugar indeterminado da Bahia e aquele que se localiza no Oriente Médio, ou seja, a relação entre imagens externas e também imagens internas, imagens de lembrança, imagens de rememoração (COURTINE, 2011), se dá principalmente por aspectos técnicos. A câmera fixa e o ambiente (cenário fílmico) de pequena profundidade são



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

elementos que tornam o vídeo feito por terroristas mais difícil de ser localizado; já a utilização de material rudimentar, pelo mesmo motivo, faz com que haja uma constante mudança de resolução, o que só piora no momento da transmissão, quando surgem interferências tanto na imagem como no áudio. Emprestam-se esses aspectos técnicos das filmagens feitas por grupos terroristas para o universo cinematográfico não como mera emulação, mas como materialidades permeadas de significados e tecidas por discursos.

Sob esse prisma, as falhas na transmissão que revelam legendas em árabe são, dentro de uma perspectiva discursiva, uma tentativa de agigantar aquilo que é enunciado; os sequestradores baianos se colocam no mesmo campo discursivo daqueles que conseguiram instalar o terror na nação mais poderosa do mundo. Isso torna o grupo baiano muito mais ameaçador, visto que se ligam a terroristas que derrubaram coisas muito maiores que o coronelismo no interior do Brasil.

Da mesma forma que se tem a impressão que o repórter esteja falando árabe no início do curta-metragem, enquanto na verdade ele simplesmente fala coisas corriqueiras do próprio telejornal apresentado pela Rede Bahia de Televisão (“Ivete Sangalo está na trilha sonora da próxima novela da Rede Globo. Engordar. Confira na coluna bastidores.”) – sentido construído através da inversão do áudio –, as legendas em inglês são materialidade discursiva que tenta supervalorizar aquilo que é dito, haja vista que não seria produzido o mesmo efeito com legendas em italiano ou hebraico, por exemplo. O uso da língua inglesa permite que aquele manifesto seja propalado pelo mundo, porque é, com efeito, um protesto globalizado.

As legendas em português, inglês e árabe que compõem *O fim do homem cordial* não são a simples transcrição do que é falado e, por isso, têm autonomia de sentido em relação ao áudio, sendo às vezes completamente distintas daquele (como ocorre com as legendas do trecho de áudio invertido).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

De modo similar, o áudio se revela como mecanismo de ruptura: o protesto político contra o carlismo só aparece no âmago da materialidade sonora. Assim, as imagens por si sós não mostrariam o caráter reivindicatório e nem a historicidade do ato dos sequestradores. A câmera fixa utilizada para a gravação, objetiva esconder ao máximo o local do cativeiro. Já o áudio – a fala do sequestrador – desnuda o tom do vídeo: um protesto de caráter político feito por um morador da periferia baiana.

Além disso, as imagens do apresentador do noticiário são ordinárias, iguais àquelas veiculadas todos os dias ao meio dia naquela emissora. Contudo, é a sua fala que tem relevo na construção de sentido.

A ressignificação do trivial em *O fim do homem cordial* é marcante em diversos aspectos: as informações banais de um noticiário são modificadas para causar estranhamento e terror; os infratores, que também são expostos com frequência nos noticiários, têm agora ideais políticos; o sujeito oprimido passa a ser sujeito normatizador; e, por fim, a aclamada cordialidade do povo brasileiro se torna inimiga pública.

Não há, como afirma Jean-Jacques Courtine, imagem que não faça ressurgir para nós outra imagem, tendo esta já sido previamente vista, ou simplesmente imaginada. (COURTINE, 2011).

CONCLUSÕES

O trivial experimenta, como visto acima, ressignificações durante todo *O fim do homem cordial*. Os elementos da obra cinematográfica têm, então, seus sentidos reconstruídos a partir da atualização de suas materialidades audiovisuais e da reconstituição das relações de poder. Por fim, ressaltamos que as práticas estudadas são indicadores de um modo característico constituído por um jogo de transgressões e coerções que evidenciam um sujeito cordial.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Déchiffrer le corps**: Penser avec Foucault. Paris: Éditions Jérôme Millon, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. - Petrópolis: Vozes, 1987.

<http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/o-sujeito-e-o-poder.pdf>

. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **As Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. São Paulo: Claraluz, 2011.